

---

## **Famílias e habitat: Dinâmicas familiares, valores e formas de apropriação do alojamento**

*Ana Cristina Ferreira*

### **Objectivos<sup>1</sup>**

Pretendia-se com esta pesquisa analisar a relação entre as dinâmicas familiares e seus impactes sobre o Habitat.

Os principais objectivos do trabalho consistiam em perceber alterações verificadas na família e a importância dos valores familiares, estudar interacção família/habitat nas diferentes fases do ciclo de vida, entender expectativas de mobilidade residencial, analisar as formas de gestão das sociabilidades e das entreadjudas e, finalmente, analisar a percepção da qualidade de vida face a factores como as condições de ambiente, instalação de equipamentos.

### **Referencial teórico**

O quadro referencial encontrava-se estruturado em função de três nós problemáticos fundamentais, a saber: As transformações nas dinâmicas familiares; a alteração das necessidades geradas por essas transformações familiares; os impactos que provocavam sobre o habitat considerando a diversidade das situações no centro e na periferia da AML.

Ao nível das dinâmicas familiares e modos de organização familiares verificou-se, por um lado, uma grande e brusca quebra da natalidade o que as actuais teorias da transição demográfica tentam explicar. Por outro lado, assiste-se, com o avanço da ciência, das condições de higiene e de vida, etc., a um grande aumento da esperança de vida. Este decréscimo da natalidade e o aumento da esperança de vida, provocam profundas alterações nos comportamentos demográficos, nomeadamente a diminuição da dimensão das famílias, o aumento dos lares de “ninho vazio” e o acréscimo do número de pessoas sós, principalmente mulheres viúvas, pois é o sexo feminino que tem maior esperança de vida.

Mas para além disso está-se também perante transformações que são profundamente culturais: A passagem da “família instituição” à “família companheirismo” e a inerente importância conferida ao amor no interior do casamento e ainda alteração do papel da mulher, fruto da sua maior inserção no mercado de trabalho que lhe vem possibilitar uma independência económica que antes não possuía. Este último facto, a par da concepção de que o “amor só é eterno enquanto dura” e o casamento tem a duração do amor, conduzem a um acréscimo muito acentuado do divórcio e das famílias recompostas.

Estas transformações familiares são, em larga medida, transformações dos “estilos de vida”. Ora o alojamento e o espaço onde se vive é, social e culturalmente uma parte desse estilo de vida; assim, estas transformações manifestam-se também nas formas de viver o alojamento e o habitat.

Embora a maioria dos estudos reflecta a inexistência de uma relação directa entre as alterações familiares – os tipos de família e as fases do ciclo de vida e as alterações ao nível do alojamento, algumas conclusões de trabalhos realizados mostram que o decréscimo da dimensão da família não implica residências menores, nem em áreas nem em número de assoalhadas (o que o trabalho aqui em discussão vem comprovar). Está-se face à máxima “um

---

<sup>1</sup> O artigo que aqui se apresenta pretende resumir as principais conclusões da dissertação de doutoramento apresentada em Maio de 2003 subordinada ao tema: Família e Habitat: dinâmicas sócio-demográficas, valores e formas de apropriação do alojamento e orientada pela Professora Isabel Guerra.

filho/uma assoalhada”, existem mais equipamentos domésticos e de lazer. É frequente hoje em dia a necessidade, ou pelo menos a aspiração, da existência de um escritório em casa, que alberga o computador, para jogar e para trabalhar; necessidade esta que é agravada, pelo menos em certas camadas sociais, pelo facto da mulher também trabalhar no exterior.

Por outro lado, se cada membro da família, à excepção do casal, deseja um quarto só para si, este desejo de privacidade implica também necessidades de espaços comuns (com certa amplitude) para o convívio da família.

Assiste-se ainda a uma proliferação de electrodomésticos (máquinas de lavar roupa e louça, máquinas de secar roupa, cada vez mais necessárias devido à inexistência de estendais nos edifícios mais modernos, etc.) que ajudam a mulher que trabalha fora, mas que implicam cozinhas maiores ou outros espaços complementares (lavandarias, etc.).

Mesmo ao nível de outras divisões, o culto do corpo conjuntamente com um menor tempo de trabalho e um aumento do tempo de lazer implica casas de banho grandes, equipadas com alguns apetrechos, divisões para guardar objectos ligados ao lazer, etc.

Um terceiro eixo de análise situava-se no confronto entre um “modo de vida” central e um modo de vida suburbano. Alguns autores afirmam que as condições do habitat, bem como as mobilidades, propiciam diferentes modos de vida aos que vivem no centro das cidades e nas suas periferias. Os factores diferenciadores dessas situações urbanas emergem relacionados com a presença de equipamentos (mais escassa na periferia); as mobilidades (grandes consumidoras de tempo) mas também as sociabilidades (ditas mais enriquecedoras nas periferias). No entanto, está-se face a conceitos difíceis de lidar teórica e empiricamente já que as periferias vão desde a quinta da Marinha ao Cacém. Daí que este trabalho visasse avaliar também a relação entre os motivos de escolha de casa e do sítio, a satisfação/insatisfação entre viver no centro e periferia, as relações que se estabelecem entre família e vizinhos, etc

## **Questões metodológicas**

A nível metodológico, este trabalho assenta nos dados de um inquérito por questionário lançado na Área Metropolitana de Lisboa no decurso de um projecto financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia denominado “Qualidade de Vida nas Periferias” e aplicado no ano de 1999. Numa primeira fase, procedeu-se como se se tratasse de uma amostra probabilística e, com base na dimensão do universo dimensionou-se a amostra em 424 questionários. Posteriormente, dividiu-se a área metropolitana de Lisboa em três subgrupos: Lisboa, Área Metropolitana a norte do Tejo e Área Metropolitana a sul do Tejo e com base numa análise de clusters para cada uma das subáreas metropolitanas recolheu-se uma amostra por quotas em concelhos seleccionados aleatoriamente, sendo que no concelho de Lisboa se escolheram as freguesias com base no método do informador privilegiado.

## **Dimensões de análise**

Tentou dar-se particular atenção aos “novos tipos de família”, não esquecendo também a questão espacial, pelo que a análise contemplou sempre a diferenciação geográfica Lisboa/-AMN/AMS. Desta forma privilegiaram-se as dimensões: atitudes face à família; relações familiares no interior do casal (nomeadamente distribuição das tarefas domésticas); restantes relações familiares (particularmente de entreajuda); valorização da família (no presente e como valor a transmitir aos filhos).

No estudo do habitat, estudaram-se as seguintes dimensões: Motivos de escolha do alojamento e sua localização; forma de ocupação do alojamento; satisfação com as condições de habitabilidade (nomeadamente com o espaço interior e com o espaço exterior); satisfação

com o espaço envolvente; satisfação com o acesso aos serviços; satisfação com a localização e acesso ao trabalho/escola.

Atendeu-se ainda à percepção e valorização subjectiva do habitat nos seguintes domínios: Ruído, limpeza das ruas, espaços circundantes; satisfação com a casa – espaço, etc; satisfação comparativamente com o passado; satisfação comparativamente com os outros grupos da mesma idade e estrato social

### **Principais conclusões**

**1.** A família continua a representar um dos pilares da sociedade actual.

A valorização da família, nomeadamente da família restrita, é um facto, embora se verifique concomitantemente a emergência de um “individualismo pós-moderno”; a família alargada tem também a sua importância, particularmente nas redes de entajuda; os valores a transmitir aos filhos vão também no sentido do respeito pela família.

**2.** Mas a família sofreu profundas alterações...

A união de facto é grandemente aceite (embora a maior parte dos inquiridos seja casado); a aceitação do divórcio é praticamente aceite por todos (e aqui não se pode esquecer que a amostra foi recolhida na AML); no plano dos valores, não se considera haver papéis femininos e masculinos; na prática, contudo, continuam a ser as mulheres a assegurar a maior parte das tarefas domésticas, salvo as compras (nota-se, contudo, uma maior partilha quando a mulher trabalha fora do domicílio e uma maior democratização nas tarefas relacionadas com os filhos).

No que concerne ao habitat:

**3.** Verifica-se uma diferencial localização das famílias entre centro e periferia.

Assiste-se a um rejuvenescimento das famílias das periferias quando comparadas com as do centro (Lisboa); em termos de grupos socioeconómicos Lisboa tem maior peso de empresários, dirigentes e profissionais liberais e também profissionais técnicos de enquadramento e trabalhadores independentes; as áreas metropolitanas distinguem-se pela presença de empregados executantes e operários; em Lisboa prevalecem as pessoas sós e os agregados familiares de famílias complexas.

**4.** O princípio da realidade na escolha dos locais onde habitar: Preço e a proximidade /acessibilidade ao trabalho e/ou escola.

O preço faz-se sentir principalmente nas periferias, a proximidade/acessibilidade ao trabalho e/ou escola são características referidas em primeiro lugar pelos lisboetas mas também têm grande peso nas periferias

**5.** Satisfação: Entre a casa e a cidade

A grande maioria dos inquiridos revela-se satisfeito com a casa habitada, com os arredores, com as acessibilidades aos bens de primeira necessidade, verificando-se no entanto uma cisão entre os que vivem em habitação própria ou arrendada.

Os lisboetas dão grande ênfase à oferta de equipamentos, serviços e infra-estruturas enquanto as famílias residentes nas áreas metropolitanas valorizam mais a calma e a tranquilidade que os lisboetas. A dimensão da casa (em termos de número de assoalhadas) está relacionada directamente com o apreço por ela.

Por último, escolher entre uma casa grande na periferia ou uma pequena no centro, leva à opção maioritária pela primeira, embora os lisboetas se distingam porque, com maior peso face aos restantes, afirmam preferir a segunda

**6.** A periferia sub-equipada e o centro com excesso de tráfego e falta de estacionamento

Os principais problemas sentidos prendem-se com as más condições ambientais e excesso de tráfego, com o estacionamento, com o deficit de equipamentos, serviços e infra-estruturas, com a insegurança, com os transportes públicos.

Os lisboetas não colocam o problema das infra-estruturas mas os das más condições ambientais, excesso de tráfego e estacionamento sendo as más condições ambientais também referidas como o principal problema. Na AMS, enquanto na AMN é o deficit de equipamentos e só depois o tráfego e o ambiente que são indicados como problemáticos.